

Em homenagem a Deleuze(a)

LUIZ ORLANDI¹

A inteligente criação desta oportuna homenagem coletiva a Gilles Deleuze – tão simpaticamente apoiada numa data correspondente ao centésimo aniversário do seu nascimento – estimula a atração por um duplo agradecimento: é prazeroso agradecer publicamente tanto a Deleuze quanto a Guattari pela fecundidade filosófica dos seus escritos, assim como pelo incentivo à tradução de suas obras em língua brasileira, o que amplia o contato de leitores em áreas ditas humanistas.

Disse "língua brasileira", mas não em detrimento da "língua portuguesa", mesmo porque ambas são ricas em variar suas forças vocálicas, seja em prol das vogais (desvios brasileiros) ou das consoantes (desvios portugueses). Tomo a liberdade de dizer essas coisas, porque adoro o que sempre me ocorre ou socorre quando recorro importantes conexões entre o filosofar deleuziano e essas nossas línguas e falas, como se ele, com isso, estivesse também preocupado com nossa própria existência como povo.

Pois bem, para esta homenagem, escolhi uma passagem importante no esforço levado a cabo por Deleuze e Guattari, esforço visando salientar a presença da filosofia no triângulo que a une à arte e à ciência numa luta permanente em relação ao Caos, cada qual fazendo o que pode, a filosofia com os seus conceitos, as artes com as sensações e as ciências com as funções, sendo sempre possível o surgimento de interconexões duradouras, ou não, intercaladas por caotizações repentinas. Pois bem, o que minha homenagem busca, neste caso, é salientar uma passagem em que a arte luta criando "blocos de sensações", isto é, "compostos de

¹ Pedagogo, Filósofo e Tradutor de obras de Gilles Deleuze no Brasil. Orlandi foi professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas desde 1968. Diretor deste departamento entre 1984 e 1989 e seu chefe entre 1989 e 2001. Aposentou-se em 1999 e voltou a lecionar como Professor Colaborador Voluntário em 2000 atuando em graduação e pós-graduação, como professor e orientador e no pós-doutorado como supervisor a partir de 2008. Trabalhou junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade da PUC-SP entre 1996 e 2012 a convite de Sueli Rolnik e Peter Pál Pelbart. Foi membro do conselho científico do LUME (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp, entre 1997 e 2000). É membro fundador e diretor adjunto do Centro de Estudos da Filosofia Moderna e Contemporânea (CEMODECON) da Unicamp.

perceptos e afetos" irredutíveis a sentimentos ou afecções dos humanos atravessados por eles"; isto quer dizer que a obra cria "seres que excedem qualquer vivido". Isto significa que a própria obra "é um ser de sensação", ou seja, "ela existe em si". Em música, por exemplo, "os acordes são sensações", são "afetos de músicas".

Esses dizeres fazem parte de argumentos que asseguram o modo deleuze-guattariano de acolher, nas artes, a potência criativa de seres resistentes relativamente ao processo de criação de algo sólido, o que não impede o recurso a outros modos de "solidez, bases e blocos". É num momento como esse que os autores, Deleuze e Guattari, trazem à nota 5 da página 158 do livro *Qu'est-ce que la philosophie ?* a lembrança de um dos mais criativos poetas da língua portuguesa, Fernando Pessoa, filosoficamente estudado por um dos mais notáveis leitores e frequentadores de aulas de Deleuze, José Gil, autor da ode "que consagra um capítulo aos procedimentos pelos quais Pessoa extrai o percepto a partir das percepções vividas, notadamente em a "Ode marítima": "*Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*" - Ed. de la *Différentiel*, cap. III.

Feita essa conexão, parto agora em busca de uma outra, agora com a *língua brasileira*.

Todos sabem que Guattari entrevistou Lula uma vez no Brasil. Esse e outros bons encontros com gente brasileira apoiam, parece-me, a frase com que Deleuze começa uma carta escrita por ele ao seu "Caro Félix", em 1982: "Tomara que o Brasil tenha sido mais alegre do que a triste Polônia". É claro que ele não confunde a ideia de país com a de povo, mas é sempre bom pensarmos habitantes de um país alegre. O melhor seria que isso não fosse apenas opinião. Quanto à presença de Guattari, é possível dizer que suas obras continuam merecendo entre nós a mesma atenção dedicada às de Deleuze, não só porque escreviam outros livros em conjunto, como o famoso *O Anti-Édipo*, mas porque suas próprias analiticidades políticas, sociais e clínicas encontram múltiplos nichos de leituras, corporeidades, práticas e criações artísticas admiráveis.

O interesse intelectual brasileiro pelas obras deleuze-guattarianas comprova-se até mesmo no emprego das expressões DelGua (contraindo os nomes Deleuze e Guattari). Anoto essas informações, tendo ao meu lado, aqui nesta mesa, o livro intitulado *Revolução molecular; pulsações políticas do desejo*, tradução brasileira de

Suely Rolnik, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981. E me cabe salientar ainda este outro livro escrito por Suely Rolnik e Félix Guattari, *Micropolítica, Cartografia do desejo*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996. Não anoto essas informações em função de meras acumulações de dados. Mas é também certo que outras boas razões se juntam aqui, por exemplo: o que devo de fato a Suely Rolnik e a Peter Pál Pelbart são encontros inesquecíveis ocorridos durante anos em que passei agradabilíssimos momentos de aulas e conversações na Universidade Católica de São Paulo, e isto sem falar das minhas saudades das dezenas e dezenas de alunas e alunos com as quais aprendi alternativas pedagógicas e motivos para ampliar e aprofundar amizades.

Para que a língua brasileira de fala nordestina compareça também nesta conexão linguística com Deleuze, apelarei para um dos mais fortes momentos da apreensão filosófica deleuzeana no vasto campo de suas admirações pelo cinema.

Por ter sido excepcional leitor, constantemente atento às informações alheias, ele encontrou, numa importante revista francesa, *Les Temps modernes*, número 288, de julho de 1970, o texto de um professor brasileiro, Roberto Schwarz, a respeito da noção "tropicalismo" (Nota 42, pág.317 da tradução brasileira de Eloisa Araújo Ribeiro do livro de Gilles Deleuze "*Cinema 2 - A Imagem-Tempo*", pág. 317 [285 do original francês]). Pois bem, Deleuze se interessou por esse texto ao encontrar nele uma temática cinematográfica que ressoava um problema trabalhado por Kafka a respeito de determinada diferença entre literaturas ditas maiores – criadoras de "fronteiras" entre o político e o privado – e literaturas ditas menores, nas quais "o assunto privado era imediatamente político". Quanto aos filmes cinematográficos, Deleuze observa primeiramente, a esse respeito, uma "compenetração do velho e do novo" que substitui, segundo ele, a "correlação do político e do privado" pela "coexistência até o absurdo de etapas sociais bem diferentes".

[E agora voltamos ao Brasil]. Na obra de Glauber Rocha, Deleuze nota que "os mitos do povo, o profetismo e o banditismo são o avesso arcaico da violência capitalista, como se o povo voltasse e se duplicasse contra si mesmo", como se estivesse cumprindo "uma necessidade de adoração, a violência que sofre de outra parte ("*Deus e o diabo na terra do sol*" - Glauber Rocha, 1964). Deleuze salienta uma "desqualificação na tomada de consciência, seja porque se dá num vazio", como no caso do intelectual, seja porque está comprimida em um vazio, como em "*O Dragão*

da maldade contra o santo guerreiro" (Glauber Rocha 1969), situação que justapõe as duas violências "e a continuação de uma na outra".

Tem-se aí, segundo Deleuze, "o maior cinema de agitação", agitação que "não decorre de uma tomada de consciência, mas consiste em fazer tudo entrar em transe, o povo e seus senhores e a própria câmera, levar tudo à aberração, tanto para pôr em contato as violências quanto para fazer o negócio privado entrar no político, e o político no privado" ("*Terra em Transe*" - Glauber Rocha, 1967). E como fica a crítica do mito em Glauber? Trata-se, segundo Deleuze, de "referir o mito arcaico ao estado das pulsões em uma sociedade perfeitamente atual, fome, sede, sexualidade, potência, morte; não se trata, portanto, de analisar o mito pelo seu sentido ou estrutura arcaica". Numa pequena síntese de passagens por vários cineastas, Deleuze diz que "tudo se passa como se o cinema político moderno não se constituísse mais sobre uma possibilidade de evolução e de revolução, como o cinema clássico, mas sobre impossibilidades, à maneira de Kafka: o "INTOLERÁVEL". Contudo, Deleuze ainda via Glauber numa espécie de intervalo epocal: "se o povo falta" – diz ele – "se já não há consciência, evolução, revolução, é o próprio esquema da subversão que se revela impossível. Não haverá mais conquista do poder pelo proletariado, ou por um povo unido ou unificado. Os melhores cineastas do terceiro mundo puderam acreditar nisso por um momento: o gúevarismo de Glauber Rocha, o nasserismo de Chahine, o black powerismo do cinema negro norte-americano. Diz ainda Deleuze: "Mas é por esse aspecto que esses diretores (p. 319) ainda participam da concepção clássica, visto que as transições são lentas, imperceptíveis, difíceis de se situar precisamente".

Nas minhas experiências do que os mais adultos chamavam de conscientização, havia o temor de perder alguma ocasião de ser cada vez mais consciente, de perder, por exemplo, episódios artísticos fecundos nisso. Volta-me uma espécie de choque quando releio esta frase de Deleuze a respeito de cinema: "o que soou a morte da conscientização foi a tomada de consciência de que não havia povo, mas sempre vários povos, uma infinidade de povos, que faltava unir, ou não se devia unir, para que o problema mudasse". E ele prossegue, explorando finos detalhes: "é por aí que o cinema do Terceiro Mundo é um cinema de minorias, pois o povo existe como minoria, por isso ele falta".

É óbvio que Deleuze não finda assim sua apreciação. Sua analítica não busca a prostração. É do agílimo interior de multiplicidades que ele busca dizer o que o faz pensar. Por isso ele diz logo em seguida: “É nas minorias que o assunto privado é, imediatamente, político”. Depois das tentativas fracassadas, de reconstituições de fusões propiciadoras do melhor ou pior, “o cinema político moderno”, diz ele, “constituiu-se com base nessa fragmentação, nesse estilhaçamento”, chegando assim à sua “terceira diferença”. Depois dos anos 1970 “há retorno do cinema negro aos guetos”, recriando-se “pequena parte da imagem”; em vez de encadeamentos em ações, eles ocorrem em “estados emocionais ou pulsionais partidos”, exprimíveis “em visões e sons puros” e “a luta” vindo a “incidir no próprio meio de comunicação”. E sabemos o quanto Deleuze, desde *Diferença e repetição*, já dava suas bordoadas no comunicativismo assaltante de bocas, cérebros e gestos. Deleuze busca apoios favoráveis em Charles Burnet, Robert Gardner, Haile Gerima, Charles Lane, em conformidade com referências de Yann Lardeau, “Cinéma de racines, histoires du ghetto” em *Cahiers du Cinéma*, n.340 out.1982. Entre cineastas de outros países citados por Deleuze, destaco Chahine ligado à questão “por que?” como questão do dentro, do eu. Já que o povo falta “se estilha em minorias, sou povo com meus átomos” como diria Carmelo Bene; pluralidade de movimentos; “cada cineasta é em si um movimento” (p. 320).

Além de originar-se de múltiplos movimentos ou paralisias, a dificuldade está em filtrar as imagens, encontrar o que nelas se constitui a respeito de uma velha pergunta a cineastas: que linhas passam pelo povo em seus filmes, em quais profundidades e extensões seus filmes exprimem forças potenciais com “fermento coletivo”, algum “catalizador”. Deleuze deixa ver que é com Kafka literário que ele afia suas relações com o cinema. E são vários os caminhos para cuidar de personagens reais não fictícios, mas “capazes de ficcionar por si próprios”, “criar lendas”, “fabular”; “fabulação como palavra em ato” capazes de firmar “enunciados coletivos”. Deleuze se apoia aqui em Serge Daney, autor de um livro que explico em edição brasileira: *A Rampa*, trad. de Marcelo Rezende, São Paulo, Cosac Naify, 2007.

O modo como Deleuze salienta a crítica interna de Glauber Rocha ao “intolerável”, ao “que não pode ser vivido” no “agora” de sua “sociedade” se apoia no

filme “Deus e o diabo na terra do sol”. Para Deleuze, o “transe” glauberiano visa “fazer entrar em transe”, em devir, “as partes, para contribuir com a invenção do seu povo, único que pode constituir o conjunto”; porém, as partes não são exatamente reais em Glauber Rocha” (Cf. em *L’image-temps-2*, p. 290), carecendo, portanto, “constituir um agenciamento que reúna partes reais, para fazê-las produzir enunciados coletivos como prefiguração do povo que falta” (cf. *L’image-temps – 2*, p. 291; tr. br, p. 324).

Deixei para este último bloco uma pergunta para sentir o que Deleuze sente a respeito da ideia de povo. Por que falar tanto em povo? Talvez não seja apenas porque cada um de nós veio a ser ente natural e social através dele, mas porque é nos povos que acabam se concentrando os piores pesos dos campos problemáticos. E mais: povo implica uma multiplicidade de maneiras de estarmos no planeta terra, seja mudando sempre de lugar, seja habitando um certo e único lugar durante séculos, seja perdendo lugares a cada crise natural ou econômica, seja amando ou odiando vizinhanças. Mas a variedade de modos de estar na terra e, ao mesmo tempo, a necessidade de vidas contarem com lugares de confiança, de se sentirem em paz em relação a vizinhanças, essa variedade é marcada por fronteiras, linhas de vizinhanças que carregam, cada qual, os diferenciais de suas distintas histórias e políticas internas e externas.

Pois bem, meus amigos de famílias judaicas estão muito tristes com o sofrimento do POVO PALESTINO, sofrimento que já ultrapassa níveis insuportáveis. Mas que Deleuze, já morto, tem a ver com isso? O fato é que ele esteve sempre atento a isso, não apenas porque sofreu, quando criança, a invasão de sua França pelos nazistas e também não apenas porque seu irmão, ainda jovem, fora morto por nazistas no trem que o levava ao campo de concentração.

A posição de Deleuze em relação ao povo palestino está ligada não só aos lampejos éticos de sua filosofia, mas a posições de respeito à coesão especial corpo-território. Numa revista – *Revue d’Études Palestiennes*, Nº 10, inverno de 1984, páginas 41 a 43, foi publicado um texto de Deleuze datado de setembro de 1983, intitulado *Grandeza de Yasser Arafat* (1924-2004), importantíssimo líder da *Autoridade Nacional Palestina* (ANP), provavelmente assassinado quando na prisão. Anotarei apenas um pouco do que Deleuze escreveu: “Israel jamais escondeu seu

objetivo, e isso desde o início: esvaziar o território palestino. E melhor ainda, fazer como se o território palestino estivesse vazio, destinado desde sempre aos sionistas. Tratava-se certamente de colonização, mas não no sentido europeu do século XIX: os habitantes do país não seriam explorados, mas forçados a partir. Daqueles que permanecessem não se faria uma mão de obra móvel e apartada, como se fossem imigrantes confinados em guetos. Desde o início, tratava-se de comprar terras com a condição de que estejam vazias de ocupantes ou de que sejam esvaziáveis. É um genocídio, mas um genocídio em que a exterminação física fica subordinada à evacuação geográfica: por serem apenas árabes em geral, os palestinos sobreviventes devem mesclar-se com os outros árabes. A exterminação física, quer seja ou não confiada a mercenários, está perfeitamente presente. Mas não é um genocídio, diz-se, pois ela não tem o “objetivo final”: com efeito, é um meio dentre outros”. E os Estados Unidos? “A cumplicidade dos Estados Unidos com Israel não vem apenas da potência de um lobby sionista. Elias Sambar mostrou muito bem como os Estados Unidos reencontravam em Israel um aspecto de sua própria história: “a exterminação dos Índios, que, lá também, apenas em parte foi diretamente física” (Em *Palestine 1948, L’expulsion*, Paris, *Les livres de la Revue d’Études Palestiniennes*, 1983). Essas informações podem ser encontradas em Gilles Deleuze, *Dois regimes de loucos* – textos e entrevistas, (1975-1995), tradução de Guilherme Ivo, Ed. 34, São Paulo, 2016, p. 252-256.

Só me resta findar minha participação nesta homenagem a Gilles Deleuze, agradecendo mais uma vez a ele e a Guattari, e lamentando que continuamos a testemunhar a criminoso maldade sionista, que, infelizmente, conta com cínicos apoios de podres coágulos direitistas e golpistas nesta terra sempre ameaçada por assaltos contra povos, contra mulheres, contra florestas, rios, praias... e a favor do que há de pior no direitismo mundial. Mas, felizmente, como vocês sempre fizeram, continuaremos lutando, até mesmo com inveja saudável dos que vem conquistando o devido respeito em suas lutas, como nosso povo do MST.

Submissão: 29. 06. 2025 / Aceite: 16. 07. 2025